

tecimentos e dados novos na emergente dimensão do mesmo ser. *Tomismo e neotomismo no Brasil*, como observa o apresentador do volume, é obra que não só enriquece a bibliografia filosófica brasileira como alenta a própria filosofia praticada entre nós.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

*

BRAUDEL (Fernand). — *Civilisation matérielle et capitalisme. XVe-XVIIIe siècles*. Paris. Armand Colin. 1967. 464 págs. Coleção "Destins du Monde".

Este livro nos faz penetrar no cerne de uma época que nos é próxima no tempo, mas muito longínqua si considerarmos as profundas mudanças operadas na existência dos homens entre os séculos XVI e XVIII. Lendo esse livro empreendemos uma viagem a um outro universo onde a realidade da vida cotidiana não apresenta as mesmas côres que atualmente.

Ainda pouco numerosos, os *homens* multiplicaram-se por dois, pelo menos nesses quatro séculos; a maré demográfica foi muitas vezes dramática, porque o número dos participantes aumentou mais depressa que a massa dos bens de consumo.

Os diversos aspectos da sua existência são estudados na Europa, na África, na Ásia, na América na sua primeira idade colonial, tanto quando se trata de uma vida elementar e monótona — o nível zero da história — tanto quando das excepções brilhantes de luxo e de privilégio, que, por contraste, esclarecem cuamente a massa dos humildes: camponeses, mineiros, artesãos, equipagens de navios, além dos aguadeiros e mariolas.

Na mesma base da vida, havia a *alimentação*, que separa as civilizações: comedores de trigo, de arroz ou de milho, comedores de carne e comedores de pão, esse precioso pão do Ocidente com as suas inumeráveis variedades. Esse quadro contém sombras espantosas: períodos de penúria seguidos de seus corolários, as epidemias e suas tremendas hecatombes.

Depois, no correr das páginas, surgem numerosos detalhes sobre a *vida cotidiana*: o vinho e o alcool, o papel dos "dopantes" (chocolate, chá, café, tabaco), a casa e o móvel, as vestes e seu significado universal (na China, os acessórios das vestes mostram o grau social do personagem) e as mil e uma dissonâncias de um luxo que não tem nada a haver com o conforto: num apartamento principesco, o imperador Maximiliano I come com seus dedos, e com uma única taça serve a todos os convidados...

Enfim, as *técnicas*, tão lentas em se aperfeiçoar e a *moeda*, velha como o Mundo; esses temas, que teriam podidos ser áridos, são tratados com maestria num dos melhores capítulos do livro. A evocação das cidades, do Oriente ou do Ocidente, formigantes e egoistas, encerra este primeiro tomo. O segundo será consagrado ao capitalismo propriamente dito.

Para esboçar esse imenso afresco, o Autor soube vestir o seu rigor de historiador com os encantos de um escritor de raça uma linguagem pessoal, uma imaginação de visionário que não deixará de emocionar o leitor, pela vibração sub-jacente de uma sensibilidade febricitante. Fernando Braudel, é desde 1950 professor

do Colégio de França, onde ocupa a cadeira de História da civilização moderna. Sua tese sobre o *Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* teve um sucesso internacional e acaba de ser reeditada. Ele dirige a VI Seção da Escola Prática de Altos Estudos e a revista *Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, bem conhecidos de todos os historiadores.

A obra apresenta ainda 200 ilustrações tiradas muitas vezes de arquivos não explorados ainda: pranchas coloridas e em preto e branco, desenhos a tiação, mapas e gráficos evocando numa maneira agradável as flutuações da vida material durante quatro séculos.

M. R. C. R.

* *
*

LIVERMORE (H. V.). — *A New History of Portugal*. Cambridge, At the University Press, 1969.

A New History of Portugal não apresenta problemática original, pois limita-se a uma narrativa da História de Portugal desde as suas origens até os tempos atuais.

O autor, que é professor de Português e Espanhol da *University of British Columbia* em Vancouver, Canadá, tomou como base de suas reflexões a vida do grupo social, pois acha que a história de uma nação está calcada na história da sociedade. Ele dá maior importância aos aspectos políticos do que aos econômicos, considerando os primeiros como básicos para o estudo de qualquer época da História. Ora, para a sociedade, todos os períodos são importantes, embora possam ser diferentemente ininteressantes para certos historiadores ou leitores.

Livermore, conforme ele próprio esclarece, fez suas pesquisas em língua portuguesa, pois conhece nosso idioma; tendo morado em Portugal, interessou-se por sua história. Seu livro é sério, bem escrito e documentado, embora tenha um caráter mais descritivo que interpretativo.

Sente-se que se tem em mãos obra de síntese e não específica. O 1º capítulo é uma Introdução em que Portugal é situado geograficamente. A partir daí inicia-se a História de Portugal, com o 2º capítulo, que é intitulado de: "As origens de Portugal" e vai até a Reconquista, sendo bastante sucinto, embora enfatize um pouco mais a Pré-História e o Reinado dos Suábios. Segue-se uma série de capítulos, didaticamente os principais períodos da História Portuguesa: a "Monarquia Agrária" que vai desde a fundação de Portugal até 1383 quando cai a dinastia de Borgonha; seguindo-se-lhe a "Casa de Avis"; "A Monarquia Renascentista", que é bem valorizada por se tratar do século XVI, de importância decisiva para a História de Portugal; nesse capítulo são feitas várias referências ao Brasil. A primeira delas quando fala das viagens de descobrimento e, especificamente, sobre o reinado de D. Manuel I. Ocasão em que descreve a viagem de Pedro Álvares Cabral, a chegada dos portugueses ao nosso país, o que encontraram, os primeiros nomes dados à nova terra, etc. Continuando a série de capítulos temos ainda: "Os três Filipes" que trata do "Domínio Espanhol", a "Era do Absolutismo", "A Guerra Peninsular". Toda essa parte é mais resumida. A parte mais trabalhada é a que diz respeito aos séculos XIX e XX, pois pouca coisa foi escrita em língua inglesa sobre esse período. Assim, temos: "A implantação do Liberalismo" em que faz novas referências, embora não muitas, sobre Pedro I que, como se sabe, é o Pedro